

II. OPINIÃO SUSTENTÁVEL

1

LAUDATO SI'

José Afonso de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

A Academia de Ciências do Vaticano, a pedido do Papa Francisco, fez um exaustivo e amplo estudo sobre as questões pertinentes ao meio ambiente, cujo relatório final foi entregue ao pontífice. Trata-se de uma análise científica com discussão e reflexão sobre os vários conceitos que dizem respeito à problemática ambiental no mundo atual.

De posse desse trabalho, foi possível para o papa Francisco realizar toda uma reflexão de base bíblica e teológica, objetivando verificar as questões ambientais nos dias atuais, visando também apresentar algumas soluções possíveis e viáveis, imediatamente dada à urgência de uma intervenção em assunto de tamanha amplitude e urgência.

Sendo o papa Francisco um jesuíta, aproveitando de sua experiência, buscou utilizar um método de reflexão, amplamente conhecido, assentado sobre três aspectos fundamentais da realidade: ver, conhecer os fatos amplamente e os seus contextos; julgar as realidades em que as questões estão postas bem como os respectivos momentos em que elas se expressam e, finalmente; agir e propor formas de ações individuais e coletivas para poder resolver aspectos que devem ser melhorados e as formas de sua realização.

Mas o papa Francisco também está sendo influenciado pelo pensamento e vida de São Francisco de Assis. Nem poderia ser diferente na medida em que ele homenageia São Francisco de Assis escolhendo o seu nome pontifício. O papa Francisco vai mostrar um São Francisco de Assis em grande e profunda relação com Deus e, por conta disso com toda a criação, isto é, com a natureza. Francisco de Assis está inserido no âmbito de uma fraternidade com Deus, os homens, os animais e tudo mais que faz parte da natureza que ele tratava como irmãos e irmãs, dando exatamente a dimensão profunda de todo esse relacionamento místico que ele vivenciava. Dada essa situação, ele também passa a ser invocado como patrono do meio ambiente, assim conhecido nos dias atuais.

Portanto, toda a questão ambiental será vista tanto do ponto de vista religioso, quanto científico, no sentido de gerar uma nova mentalidade que possibilite novos comportamentos individuais e sociais neste que agora é um momento crítico da história da humanidade.

¹ Mestre pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Professor Titular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Professor Titular da Secretaria de Estado e Educação e Paraná.

1. MUNDO ATUAL GLOBALIZADO

No mundo do após Segunda Guerra Mundial, apresentam-se dois problemas graves que, infelizmente, ainda hoje não mostram soluções definitivas. Trata-se da questão do armamento nuclear e dos fatos relacionados à destruição do ambiente natural.

Em 1963, o papa João XXIII surpreendendo o mundo com a publicação da Carta Encíclica *Pacem in Terris*, dirigida a todos os homens de boa vontade, pela primeira vez não fala exclusivamente aos católicos, cristãos, religiosos de outras denominações, mas a todos os homens de boa vontade, dispostos a proporem mudanças de sorte que o perigo nuclear possa ser superado, o que não foi possível até o momento presente.

É com esse mesmo espírito que o papa Francisco publica em 2015 a Carta Encíclica *Laudato Si'*², endereçada a todos os homens, propondo uma reflexão crítica a respeito das questões ambientais, apontando caminhos e possíveis soluções para essa questão que hoje é de grande importância, colocando em risco a vida do planeta Terra.

O papa Francisco publica a *Laudato Si'*³, cerca de seis meses que antecedem a Vigésima Primeira Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – COP21, em Paris, no sentido muito claro de influenciar a tomada de decisões por todos aqueles que podem efetivamente abrir novos caminhos para a pesquisa e a solução de graves problemas ambientais.

Mas, a ciência e a tecnologia trouxeram grandes avanços para a humanidade que não podem ser negados. Não podemos viver hoje sem as tecnologias de comunicação ou mesmo sem a utilização da informática nos setores produtivos. É inegável a existência de melhorias muito significativas na vida das pessoas, tanto quanto nos setores produtivos.

A ciência tornada livre e autônoma pode gerar uma caminhada muito significativa na área da mais pura racionalidade, aperfeiçoando aspectos de fragmentação do conhecimento, permitindo as suas ricas especialidades.

Essa concepção racionalista vai, de forma muito firme e rápida, envolvendo toda a sociedade, suas instituições, gerando uma mentalidade, isto é, uma forma de pensar sendo a única como verdadeira e perfeita.

A encíclica também estudará os processos industriais desde a Primeira Revolução Industrial na Inglaterra até os dias atuais com a utilização da informática, mostrando toda a apropriação da natureza para obtenção de minérios, e energia, que são extraídos sem qualquer cuidado ambiental, provocando danos irreparáveis. Esse fato é colocado no contexto da exploração colonial, realizada pelos países industrializados contra todos aqueles que se encontram em fase de não industrialização.

Tudo isso gerou as atuais sociedades urbanas onde, por vários e diferentes motivos, a vida vai se tornando impossível ou mesmo insuportável. Porém, atento

2 FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'* Tipografia Vaticana, 2015.

3 Ibid.

que as nossas cidades industriais não tem qualquer tipo de atividade de preservação ambiental e, ainda, por conta disso, o ar se encontra contaminado tanto quanto as águas, além dos efeitos nocivos do excesso de barulho e poluição visual. Isso posto, temos a nítida ideia de que o viver em grandes cidades se tornou insuportável.

Ademais, o atual processo industrial gerou uma sociedade onde poucos são detentores de imensa riqueza e a maior vive em condições extremamente difíceis do ponto de vista de acesso aos bens sociais. Forma-se, assim, uma sociedade muito rica, cercada por enormes cinturões de miséria, o que acaba provocando o acirramento de conflitos urbanos, onde a violência costuma ser muito acentuada e em ritmo crescente.

Nações ricas mantêm determinadas políticas de dominação sobre nações periféricas, no sentido de manter uma determinada submissão, visando o fornecimento de matérias primas essenciais, assim como de combustíveis fósseis garantidores do ritmo de toda a produção industrial.

Essa é uma sociedade na qual o valor maior é determinado pela propriedade dos bens, mas não tanto pelo seu uso. O valor máximo é o lucro, que deve ser obtido de qualquer forma, importando pouco ou nada todas as demais relações que possam ser estabelecidas. De alguma forma, cria-se essa mentalidade de que o lucro é o bem supremo da sociedade.

Isso proporciona níveis imensos de produção de bens, especialmente agora, com os processos informatizados, gerando uma sociedade de descartáveis e de alto consumo. É preciso consumir sempre, em quantidades cada vez maiores, gerando imensos volumes de descartáveis, que acabam não tendo mais locais apropriados para serem guardados ou então destruídos, sem que possa provocar qualquer problema de poluição atmosférica.

Decorrente do aumento de produção é o surgimento do mercado global que erroneamente pensa que pode caminhar e ser gerido por suas próprias forças. Mas, de qualquer forma, as barreiras nacionais tendem a uma transformação, senão mesmo ao desaparecimento, em vista da constituição desse mercado que não mais conhece qualquer tipo de fronteira ou mesmo de controle.

Tudo acaba convergindo para o isolamento das pessoas, tendo a falsa e equivocada ideia que são o centro do mundo. Na era das comunicações planetárias, o isolamento e a solidão com todas as suas trágicas consequências dominam vários cenários urbanos em todo o planeta, tanto nos países ricos quanto também naqueles que são periféricos aos centros da economia atual.

Atualmente, o sistema financeiro é dominante na nossa economia globalizada, o que significa dizer que o processo de acumulação de capitais ocorre, de forma mais acentuada, nos bancos, agências de crédito, seguradoras, sendo esse um capital que passa a ser acumulado na especulação, muito mais do que na produção. Da mesma forma que existem grandes capitais disponíveis nos fundos de pensão, que são utilizados também na especulação, não sendo destinados como investimentos produtivos.

Por trás de tudo isso, existem várias ideias, sendo o antropocentrismo uma delas, onde o homem é colocado como um ser absoluto, referência última e única de toda a sociedade. Claro que o ser humano tem um alto valor na sociedade, mas ao colocarmos como sendo um valor único, desprezando outras questões e permitimos,

conforme podemos facilmente observar que o ser humano pode tudo, não necessitando dar a devida atenção a outras questões. É também por conta dessa situação que a natureza está destruída e, na verdade, destroçada pela ação do homem.

Assim, o homem passa a ser o responsável por toda a destruição ambiental que assistimos. Certamente, a própria natureza tem ações destrutivas como, vulcões, terremotos, incêndios florestais etc. Todavia, é inegável que os homens estão destruindo a natureza de forma calculada e sistemática, de acordo com as suas maneiras de utilização dos bens naturais.

Podemos, inclusive, causar danos irreparáveis como na região de Mariana-MG e no Vale do Rio Doce, por conta da mineradora SAMARCO e seu inteiro descuido e despreparo ao lidar com a extração de minério em grandes quantidades para o abastecimento do mercado global. Por mais que possamos pensar em reparos, esses serão sempre irrisórios frente a todo o ocorrido, infelizmente.

Não é correto pensarmos que o desenvolvimento da técnico-ciência que assistimos tenha valores em si mesmo. Ela não é ruim ou boa em si mesma, embora o uso que fazemos dela possa ser positivo ou negativo. A mesma física que faz aparelhos para o tratamento do câncer, foi também utilizada para a confecção das bombas atômicas que destruíram Hiroshima e Nagasaki, matando milhões de pessoas e deixando até hoje os seus altos níveis de contaminação, provocando a proliferação de várias e diferentes formas de câncer naquela região do Japão.

2. CONHECIMENTO

No atual mundo globalizado, o conhecimento é extremamente importante, dado que somente com ele é possível o processo de acumulação de capitais. Quem não pode dispor de conhecimento, não tem condição de ser um grande acumulador de grandes capitais como acontecia até recentemente.

Mas o conhecimento está completamente fragmentado formando uma plêiade imensa de especialistas de todos os tipos de assuntos pertinentes à ciência e à tecnologia. Assim, esses especialistas perderam completamente a noção do todo, ou seja, do conhecimento, o que pode explicar, em parte, o uso existente do conhecimento e da tecnologia para finalidades de destruição humana e do planeta.

Da mesma forma que temos a fragmentação do conhecimento, há também uma imensa divisão do trabalho possibilitando que, através de métodos racionais, os trabalhadores sejam especialistas, mas não detenham qualquer conhecimento sobre o todo do seu trabalho. Ele tem conhecimento apenas de uma pequena parte do trabalho, mas não sabe fazer um carro, geladeira etc.

Essa racionalidade do conhecimento e do trabalho acabou gerando uma sociedade em que há apenas uma única concepção, no sentido de que o racional ou até de racionalizar seja fundamental e único. Que ele é importante, ninguém discute, mas, colocado como uma única opção, temos assim alguns problemas sérios que refletem essa direção única da vida, que permite também a destruição do ambiente.

A prova disso está que anos passados, quando a questão ambiental começava a ser discutida, tudo isso tinha um forte preconceito. Era entendido como sendo uma pura perda de tempo e as pessoas envolvidas como sonhadores, poetas, enfim, tudo

aquilo que não se enquadrava na noção da racionalidade.

Assim, criamos uma separação entre o racional e o emocional como se isso fosse mesmo possível. Ao valorizarmos excessivamente o racional também impúnhamos um grande desprezo ao emocional, considerado sempre como algo de segunda categoria. Provavelmente essa situação ocorria em função de que o processo de acumulação de capitais aparecia como sendo algo estritamente racional e, portanto, bom, verdadeiro e perfeito.

Isso permitia ainda que as discussões e reflexões sobre as questões ambientais fossem restritas somente aos problemas naturais, sem nenhum outro contexto. Era interessante que se separavam as questões ambientais da própria sociedade, dado que tínhamos essa mentalidade de separação, de divisão, de domínio da racionalidade sobre tudo e sobre todos.

Já podemos perceber o avanço da *Laudato Si*⁴, que discute as questões ambientais dentro do contexto da sociedade, ligando a miserabilidade encontrada no mundo com os problemas que temos nas áreas ambientais. A degradação do meio ambiente no informa a encíclica, atinge de forma muito mais dura as populações mais carentes e em estado de pobreza absoluta.

Isso pode gerar uma situação terrível quando os ricos entendem as questões ambientais apenas como modismo passageiro, enquanto os mais pobres são duramente afetados na medida em que a sua realidade é destruída sistematicamente.

Na visão da Doutrina Social da Igreja utilizada pelo papa Francisco, essa situação configura uma tremenda injustiça clamando nitidamente por uma solução urgente que garanta as condições mínimas para uma vida humana digna e decente.

Francisco faz uma dura crítica a toda essa visão racionalista da vida e da sociedade. Ao invocar São Francisco de Assis, ele está também mostrando outros lados da vida em sociedade, da forma muito especial de relações com as pessoas, com a própria natureza, caracterizando assim uma nova realidade possível.

Na verdade, o homem é muito mais rico e complexo, porque além da racionalidade, tem também a sensibilidade, a emoção, a beleza, enfim, vários outros atributos tão ou mais importantes do que meramente reduzir o homem à sua racionalidade.

Foi esse reducionismo racional que permitiu e possibilitou o domínio sobre a natureza e não o convívio com ela. Somos todos partes integrantes da natureza, estamos localizados no cosmos, sendo o planeta Terra a nossa Casa Comum como é enfatizado tão bem pelo papa Francisco. Esse é um conceito que aparece várias vezes no documento papal, tirado de toda uma reflexão científica que vem sendo realizada já há algum tempo.

Nessa relação do homem com a natureza, Francisco vai buscar no livro do Gênesis e na tradição da Igreja toda a beleza de um relacionamento pleno que se dava entre o homem e a natureza naquilo que ficou conhecido como sendo o Jardim do Éden, ou seja, o Paraíso que tanto nos encanta em toda essa visão poética de sua descrição bíblica.

O cuidado da Casa Comum implica não só as nossas relações com o mundo natural, mas com todos os seres humanos, para isso exigindo uma nova mentalidade,

4 *LAUDATO SI*, op. cit.

uma forma diferente de ver a vida. É por isso que o papa Francisco na *Laudato Si'*⁵, dá uma grande importância à educação, pois ela é um dos instrumentos para poder realizar essa mudança de mentalidade que é fundamental no mundo atual.

Porém, o ambiente é muito mais amplo do que podemos imaginar já que o nosso conhecimento ainda é muito limitado.

“Somos todos parte do universo e todos feitos do mesmo pó cósmico que se originou com a explosão das grandes estrelas vermelhas. Somos construídos com os mesmos elementos que também construíram as galáxias e as estrelas. Por isso vigora um parentesco íntimo com o universo, constituído por 125 bilhões de galáxias que encerram mais de cem trilhões de estrelas, com um diâmetro de 30 bilhões de anos-luz. Em todos funciona o que chamamos de matriz relacional – *Relational Matrix* –, ligando todos com todos” (BOFF, 2014).⁶

Como podemos verificar, e isso é extremamente importante, pois tudo está intimamente relacionado com todas as coisas, nada está separado. Isso significa que as nossas atividades, no que tange à vida em sociedade, estão igualmente relacionadas e a base dessa interligação atual está posta no conhecimento e em sua transmissão, já que essa é feita através dos meios informacionais disponíveis de forma ampla, em imensas quantidades e em tempos reduzidíssimos. Essa é, portanto, a nova sociedade que está sendo constituída e que ainda, não tendo sido implantada totalmente, provoca uma enorme série de conflitos, tanto individuais como principalmente sociais de grande envergadura.

3. A COMPLEXIDADE

O papa Francisco trabalha o conceito de ecologia integral de uma forma muito bem articulada com o pensamento científico atual. Para melhor entendermos essa questão, é necessário voltarmos um pouco ao passado e observarmos como isso já existia de alguma maneira, sendo que hoje existe, evidentemente, outros aspectos.

“Universo: um Sistema, um *Totum* e um *Quantum*. Um sistema pela sua Multiplicidade; um *Totum* pela sua Unidade e um *Quantum* pela sua Energia” (TEILHARD, 1966).⁷

Essa articulação entre as partes propostas por Teilhard de Chardin⁸ na década de 40, do século passado, serve muito bem para que possamos compreender o que temos na nossa realidade atual.

“Uma sociedade industrial não é apenas uma sociedade em que há indústrias, mas uma sociedade em que as formas sociais e tecnológicas de organização industrial permeiam todas as esferas de atividade, começando com as atividades predominantes localizadas no sistema econômico e na tecnologia militar e alcançando os objetos e hábitos da vida cotidiana. Meu emprego dos termos sociedade informacional e economia informacional tenta uma caracterização mais precisa das transformações atuais, além da sensata observação de que a informação e os conhecimentos

5 *LAUDATO SI'*, op. cit.

6 BOFF, Leonardo, Sustentabilidade Editora Vozes, Petrópolis, 2014

7 TEILHARD, Pierre de Chardin. O Fenômeno Humano. Editora Herder, São Paulo, 1966.

8 Ibid.

são importantes para nossas sociedades. Porém, o conteúdo real da ‘sociedade informacional’ tem de ser determinado pela observação e análise. Por exemplo, uma das características principais da sociedade informacional é a lógica de sua estrutura básica em redes, o que explica o uso do conceito de ‘sociedade em rede’. Contudo, outros componentes da ‘sociedade informacional’, como movimentos sociais ou o Estado, mostram características que vão além da lógica dos sistemas de redes, embora sejam muito influenciadas por essa lógica típica da nova estrutura social. Dessa forma, ‘a sociedade em rede’ não esgota todo o sentido de ‘sociedade informacional’” (CASTELLS., 1999).⁹

Vivemos na sociedade em rede, conforme o pensamento de Manuel Castells¹⁰, onde tudo está conectado. Através da internet, essas conexões se tornaram muito mais estáveis, amplas, rompendo praticamente todas as barreiras de comunicação e modificando radicalmente o mundo em que estamos vivendo.

A nossa sociedade é uma imensa rede, atingindo todo o planeta, daí a denominação de uma nova globalização onde todos estão conectados, empresas, instituições, organizações, enfim, nada podendo mais estar desconectado, com o risco de desaparecimento.

Aquilo que até outro dia era privilégio das universidades e centros de pesquisa como sendo o conhecimento que hoje se encontra disseminado mundo afora recebendo também contribuições de áreas até então completamente deslocadas ou mesmo desconhecidas. Grande parte do conhecimento era entendido como sendo científico, e os demais populares, como não científicos. É verdade que existe muito conhecimento que não tem qualquer relação com a ciência, mas também temos conhecimentos muito interessantes que podem ter grande aplicação e relação com o conhecimento científico. Hoje, tudo está conectado de sorte que estamos no mundo, simultaneamente quando estamos em algum lugar.

Não existe mais a possibilidade de um conhecimento único, fechado dentro de alguma instituição, que seja utilizado apenas por algumas pessoas. Não. O conhecimento hoje é muito mais vasto, de uma utilização muito maior do que podemos imaginar.

Essa complexidade que existe na sociedade atual corresponde a uma nova forma de percebermos o conhecimento, ou seja, através de um método da complexidade. Edgar Morin trabalha essa questão propondo a interligação do conhecimento, e como Theilhard de Chardin¹¹, falando numa noosfera, ou seja, uma camada que envolveria a Terra de pensamento, ideias e cultura, quer dizer, de conhecimento. Mas, esse conhecimento complexo visa a totalidade e não mais a especialidade, buscando, assim, uma nova aproximação entre os vários conhecimentos existentes para termos uma noção do todo. Substituir as partes pelo todo, significando que não é mais possível ou suficiente apenas o conhecimento racional, havendo necessidade de agregar outros conhecimentos para a melhor compreensão da realidade que vivemos.

É por isso que o papa Francisco fala de ecologia integral, ou seja, o

9 CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.

10 Ibid.

11 TEILHARD, op. cit.

cuidado com a natureza e com todos os seres humanos envolve questões científicas, tecnológicas, culturais e mesmo religiosas já que a religião está inserida na cultura e vida dos homens.

Esse conceito de ecologia integral é o cerne de toda a *Laudato Si'*¹², o que mostra uma grande afinidade com o conhecimento científico atual e uma ousadia de propor toda essa discussão de uma forma surpreendente, de grande atualidade e de uma urgência enorme. Sim, corremos o grande risco da destruição do planeta com o conseqüente desaparecimento do homem caso algumas posturas não sejam mudadas e novas formas de relacionamento não sejam criadas e incentivadas. É realmente um momento crítico em que estamos vivendo.

Não mais o fragmento, mas o caminho único, senão todos os caminhos que possam levar o homem ao melhor entendimento da sociedade. A sua relação com a natureza é riquíssima, pois é dela que vivemos, nela convivemos, e temos que ter toda uma nova relação entre os homens, de modo que as condições de vida sejam boas para todos e não apenas para algumas parcelas como acontece agora.

É olhando a natureza, contemplando todos os seus fenômenos naquilo que tem de poético, vendo que isso faz parte essencial da vida em sociedade. Assim sendo, temos a obrigação de vermos a natureza como forma de obtermos recursos para a nossa sociedade, mantendo as condições naturais no que se convencionou denominar de sustentabilidade. De pouco ou nada adianta o enriquecimento da sociedade que não garante melhorias para todos e, menos ainda, compromete o futuro das novas gerações.

A sustentabilidade tem que ser trabalhada e executada, constituindo matéria fundamental para a vida em sociedade e para uma nova concepção de conhecimento, percebendo toda a complexidade existente e não mais a direção única da racionalidade. Não se trata de um novo paradigma, sendo muito mais uma aplicação prática do pluralismo, do *multi* e interdisciplinar, que já existe na ciência e que deve ser explorado e ampliado. Ciência, técnica e arte devem estar interligadas e muito próximas dentro dessa nova sociedade em rede que é também muito complexa, existindo com grandes diversidades e não mais com uma noção de uma única forma. De alguma maneira isso já está existindo na sociedade, onde podemos observar, por exemplo, na moda que não é mais uniforme e única, senão que diversa e bastante distinta, guardando os seus padrões de beleza que são próprios da cultura que vivemos.

Podemos definir sustentabilidade aproveitando a definição feita por Leonardo Boff¹³, que diz:

“Sustentar é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução” (BOFF, 2014).

12 *LAUDATO SI'*, op. cit.

13 BOFF, op. cit.

4. O MEIO AMBIENTE

“Existem três modos de conceber o meio ambiente: como estoque de recursos naturais para o proveito humano, como museu natural a ser preservado da intervenção humana ou como ambiência – *oikos* – de reprodução das condições ecossistêmicas e sociais para a sobrevivência da vida

A primeira identifica-se com a visão antropocêntrica em que o ambiente é o conjunto dos recursos naturais a serem apropriados e transformados a serviço do consumo e conforto humano. Para essa tendência, ser ético é defender a conservação da natureza e a limitação do seu aproveitamento para possibilitar o usufruto dos recursos naturais pelas gerações futuras.

A segunda visão do meio ambiente é a mais biocêntrica, pois está centrada nos seres vivos sem nenhum protagonismo dos humanos, cuja intervenção precisa ser reduzida e/ou eliminada para que haja preservação da natureza. Eles defendem um culto ao silvestre, que preserva ambientes naturais intactos sem presença humana, transformando a natureza num museu a ser apreciado. Muitas ONGs ecológicas do primeiro mundo estão ancoradas nessa compreensão.

A terceira concepção do meio ambiente é ecocêntrica, pois tem como foco ecossistemas, entendidos como conjuntos de interdependências socioambientais que possibilitaram as condições para que a vida se reproduza. Nesses conjuntos, os humanos e a sociedade estão interligados com os restantes seres vivos numa integração que não separa o social e o ambiental, o humano e o natural, condição indispensável para discutir a sustentabilidade socioambiental. Essa é a maneira típica de pensar dos povos originários e dos camponeses tradicionais, que aprenderam, desde tempos imemoriais, a fazer uso sustentável da natureza.

A Encíclica assume essa visão ecocêntrica de compreensão da natureza, privilegiando as interdependências socioambientais da sustentabilidade ecológica. Nisso consiste a segunda grande contribuição da *Laudato Si'* para o debate ambiental” (JUNGES, 2016).¹⁴

Como podemos observar nos estudos de Junges¹⁵, a *Laudato Si'*¹⁶ está de acordo com o pensamento mais avançado na área do meio ambiente. Além disso, é interessante pensar que vai se buscar os conceitos mais realistas com os povos que vivem em contato total e direto com a natureza como são os povos originários e os camponeses tradicionais. Afirma-se, assim, uma grande interação entre o natural e o social fundamental para uma transformação da sociedade que possibilite uma nova realidade. Contudo, isso exige uma mudança de mentalidade, entendendo que não há qualquer tipo de oposição entre a natureza e a sociedade, mas que possamos ter a consciência clara de que somos parte da natureza e, por conta disso, temos a obrigação de mantê-la, caso contrário, conforme estamos fazendo, podemos inviabilizar a vida no planeta.

Fica claro também que a questão do meio ambiente não é apenas filosófica, sociológica, mas, sim, que está embasada em vários pensamentos e concepções de

14 INSTITUTO HUMANITAS, Revista Online número 469 Ano XV Data 03/08/2015 São Leopoldo, RS

15 Ibid.

16 *LAUDATO SI'*, op. cit.

ciência. Entretanto, é muito mais uma vivência prática do que uma teoria que não tem qualquer impacto sobre a realidade que estamos vivendo.

Muitas vezes, o fenômeno ambiental foi apresentado desvinculado da realidade e, como afirma Junges¹⁷, algumas ONGs do primeiro mundo faziam todo um trabalho na mídia, que era contrário à vida das comunidades das periferias no sistema em que estavam apenas sobrevivendo. Exemplo claro disso era o fato da campanha intensa contra o desmatamento da Amazônia, sem levar em conta a vida dos camponeses nesse habitat. Eles não tinham qualquer alternativa e, na medida em que foram ofertadas outras formas de sustento, ao lado de novas políticas de manutenção do ecossistema, foi possível conter ou ao menos diminuir o desmatamento nessa região, que hoje é vital para a sobrevivência do planeta.

“Os saberes indígenas são parte de um conjunto maior que se denomina ‘saberes locais’, ou em formas mais precisas: ‘ciência indígena’, ‘macro sistemas’, ‘ciências nativas’, ‘conhecimento popular e ciência do povo’ ‘conhecimento camponês’ e que, por sua vez, são incluídos em domínios mais amplos tais como ‘saberes subjugados’, ‘tradição científica ocidental’ ou ‘ciência emergente’. Em termos gerais, estes saberes são conjuntos de conhecimentos práticos, experimentais e reflexivos, que constituem um patrimônio cultural dos povos que se transmite entre gerações. Trata-se de sistemas de saberes indígenas e camponeses arraigados e da reprodução social; como cuidado da saúde e apoio contra a enfermidade; o território e a natureza como espaços de elaboração e reelaboração da identidade; a linguagem e os sistemas de comunicação; a história e a memória coletivas; as normas de convivência entre parentes e vizinhos; as relações com outros povos e sociedades que se expressam nas formas de convivência e no direito consuetudinário; os mitos e ritos, a religiosidade e as festividades onde se colocam interrogações sobre a vida transcendente dos povos” (LEFF, 2009).¹⁸

Mas é preciso perceber que, na medida em que se trabalha as questões ambientais ligadas às sociais, visando um novo relacionamento entre o humano e o natural, a Encíclica aponta para novos horizontes, perspectivas que possam reverter o atual quadro que está posto, de sorte a termos a possibilidade de que em curto/médio prazo possamos ver novas situações de sustentabilidade do planeta. Isso é devido, também, a que a sustentabilidade tenha necessidade de ter bases sólidas, atualizadas, inseridas na vida concreta das pessoas.

“O eco desenvolvimento designa, assim, o campo prático no qual se promovem e realizam diversas ações conducentes a produzir e aplicar os conhecimentos científicos e as técnicas necessárias para o aproveitamento integrado dos recursos de cada ecossistema. O eco desenvolvimento vincula, desta maneira, o desenvolvimento econômico com as condições ecológicas de um desenvolvimento sustentável, que preservam uma base de recursos para a produção duradoura de *satisfactores* sociais. Aqui radica o seu sentido mais concreto, face à acumulação capitalista que tende a um esgotamento dos recursos não renováveis e à destruição das estruturas funcionais dos ecossistemas, dos quais depende a dotação de matérias-primas e a produtividade

17 INSTITUTO HUMANITAS, op. cit.

18 LEFF, Enrique Ecologia, Capital e Cultura. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

sustentável dos recursos naturais para a reprodução do capital” (LEFF, 2009).¹⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa Carta Encíclica do papa Francisco, atenta-se em primeiro lugar o seu título em italiano e não em latim, como é costume nesse tipo de documento. Em segundo lugar, o papa está discorrendo para um público onde, nem todos são religiosos. De acordo com essa questão, ele menciona vários outros religiosos, nem todos católicos ou mesmo cristãos, destacando, evidentemente, a posição religiosa e teológica na explicação da origem da natureza. No entanto, Francisco trabalha com as questões mais avançadas do conhecimento científico nessa área, tentando entender as questões ambientais nos dias atuais, vendo todas as suas implicações e, finalmente, propondo algumas possíveis soluções, diria melhor, mostrando caminhos de superação de toda essa questão que é urgente e necessária, neste momento. Como a *Laudato Si*²⁰ tinha também um público específico, que seis meses depois de sua publicação se reunia em Paris na COP21, fica a clara impressão de que o documento pontifício influenciou de sobremaneira na tomada de decisões referentes ao Acordo do Clima, como sendo um documento de consenso internacional, aceito e assinado pela maioria dos representantes dos estados do mundo.

A fé e a ciência se aproximam no sentido de poderem buscar alternativas novas e possíveis para os problemas que a humanidade vem enfrentando. Temos que lembrar também que no conceito de ecologia integral, utilizado nesta análise, cabem ainda questões culturais, e a religião está exatamente colocada nesse âmbito. A fé, no sentido de ter uma crença, corresponde a uma decisão pessoal, mas a religião enquanto cultura pertence à humanidade e deve ser mesmo utilizada por todos, indistintamente.

Texto opinativo recebido em: 11/06/2016

Texto opinativo aceito em: 27/06/2016

¹⁹ Ibid.

²⁰ *LAUDATO SI*, op. cit.